

Festa de Santo e Festa de Terreiro: um estudo sobre festividades religiosas em Manaus

Lúcia Butel Tavares*

Introdução

Iniciada entre os anos de 20018 e 2019, esta pesquisa visa a identificação das festas religiosas, buscando discutir o significado das mesmas para a comunidade e a importância de suas realizações para os agentes sociais, analisando também a questão das políticas públicas e de salvaguarda, como meios de proteção, manutenção e continuidade das Festa de Santo e Festa de Terreiro. No entanto, a ausência, ou mesmo a escassez de registros escritos de algumas festas, é praticamente uma lacuna na história das festividades religiosas na cidade. Apesar das dificuldades enfrentadas, principalmente devido essa ausência de dados, informações e fontes, as pesquisas avançaram, no entanto, essas lacunas traduzem as dificuldades de traçar linhas de temporalidades, entre o ontem e o hoje. Como bem enfatiza Tognon (2003, p. 164), “[...] é somente com o processo histórico, pelo qual todas as sociedades civilizadas mantêm o vínculo de valores entre passado e o presente, valores que se agregam aos objetos, às práticas e às paisagens, que nasce o reconhecimento desse conjunto de coisas, atos e lugares”.

A partir dessas considerações iniciais proponho, ao longo deste capítulo, analisar as festas de devoção aos santos da igreja católica e as festas de entidades afro-brasileiras cultuadas nos bairros do Centro, Educandos e Cachoeirinha, festas essas que acompanharam o crescimento da cidade ao longo dos tempos. A análise proposta se pauta no fato desses bairros, se constituírem como uma parte da área central de Manaus e como o núcleo inicial dessa capital. Para a elaboração deste capítulo foi adotado como metodologia¹ o levantamento bibliográfico, consultando jornais, livros, artigos e revistas, bem como pesquisa de campo, que consistiu em visitas às igrejas que

* Mestranda em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Amazonas, especialista em Desenvolvimento, etnicidade e políticas públicas na Amazônia pelo IFAM, especialista em gestão cultural pelo Senac (SP). Experiência na área de economia e cultura e realização de pesquisas nas áreas de ambiental, social e patrimônio cultural.

E-mail: luciabuteltavares@gmail.com

¹ Foram solicitadas informações referentes ao tema da pesquisa, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Amazonas, à Associação dos Terreiros de Umbanda do Amazonas (ATUAM) e à Pastoral da Arquidiocese de Manaus, apenas o primeiro órgão citado retornou sobre a solicitação.

realizam as festas nos bairros já citados, com participação nas procissões e visita aos terreiros durante as festas; necessário se faz expor aqui, que o campo foi mais próximo dos terreiros, do que ao caso católico, citando ainda a dificuldade de entrar no espaço da igreja católica, para buscar simples informações sobre festas de santo.

Amazonas religioso: aspectos histórico-culturais

A forma como a representação da religiosidade se desenhou no país não é diferente do modo que ocorreu na Amazônia, a religião católica, bem como as religiões de origem afro chegam à região no período da colonização. A primeira se faz presente com a chegada dos Carmelitas, dos Mercedários, dos Capuchinhos e Jesuítas; a segunda com a inserção forçada dos negros para exercerem o trabalho escravo. Os religiosos viriam catequizar os índios, para torná-los cristãos civilizados e aptos aos trabalhos impostos pelo branco, fato que Reis (1997, p. 2), deixa claro ao pontuar que,

Era necessário inicialmente conter a impetuosidade do gentio [...] e, finalmente, integrá-lo, no sistema de trabalho que caracterizava a civilização que se importava da Ibéria. E só a habilidade do missionário, a serviço da religião e do Estado, podia permitir a consecução daqueles objetivos imediatos e essenciais.

A evangelização dos povos indígenas por parte de missionários se dava ‘em nome do Senhor’, porém esses povos cultuavam deuses próprios, havendo de antemão conflitos entre a religião católica e a ameríndia. Todavia, acuados, alguns cediam às investidas daqueles religiosos ou tinham suas vidas ceifadas, por não atenderem ao chamado divino, pela voz do branco religioso e civilizador. Reis (1989) comenta que “[...] os catequistas, a pouco e pouco [...] venciam o ânimo vibrante ou desconfiado do nativo, conquistando-o, matando-lhe as irreverências condenadas pela religião, transformando-lhe os costumes rudes em civilizados, brandos”. Esse abrandamento dos nativos também se deu porque os Carmelitas, no Amazonas, “[...] nas missões do Rio Negro [...] mantinham aulas de música e de canto [...] em Mariuá, [...] mantinham um coro na igreja local”.

No contexto amazônico percebe-se que a presença indígena obscurece a imagem e importância dos negros. Autores como Mário Ypiranga Monteiro², Camila Salgado, comentam que a presença de escravos negros no Amazonas foi ínfima. No entanto,

² Este texto foi escrito entre 2018 e 2019, naquele período não atentei para a paginação de alguns livros aqui citados – por esse motivo, algumas citações destes autores estão sem paginação. Por se tratar (alguns) de obras raras, disponíveis apenas em bibliotecas físicas, não é possível acessá-las atualmente, devido a pandemia do Covid-19.

Sampaio, (2011, p. 35, grifo do autor) cita que “Na capitania do Rio Negro, os dados indicam que a presença de escravos no espaço urbano era mais modesta *se confrontada com Belém*”, justificando com isso, a grande presença negra no estado, modesta, apenas em relação à Belém, sede do Grão-Pará. Contudo, Gomes (2003 apud SILVA, 2011, p. 186), fala que “[...] os primeiros negros chegaram à Amazônia por intermédio dos ingleses, que nas últimas décadas do século XVI e na primeira do século XVII tentaram apossar-se do extremo norte do Brasil”.

A presença negra no Amazonas é incontestável e a partir disso podemos falar da realização de suas festividades em honras aos orixás e entidades afro-brasileiras. A religiosidade negra simboliza a resistência, a manutenção e a preservação cultural de identidades religiosas e memórias afro-diaspóricas. Em decorrência de terem sido impedidos de praticar sua fé, os negros foram amalgamando elementos da religião católica com elementos de matrizes africanas, colocando os orixás em sacralidades semelhantes à dos santos católicos; o trânsito entre esses elementos ficou conhecido por sincretismo religioso. Segundo Ferretti (1995), a prática que esse conceito denomina surge como uma estratégia para evitar conflitos. O autor analisa que “[...] a religião africana foi relacionada com práticas do catolicismo popular e de outras procedências, difundidas nas camadas média e superior”. Surgia então, uma similaridade simbólica entre os santos católicos e as divindades representadas nas religiões de matrizes africanas.

Por volta dos anos 1850, Robert Avé-Lallemant comenta sobre a realização de festas religiosas. Em seu relato o viajante descreve que os tapuios do Rio Negro são fervorosos católicos e “[...] festejam dum modo peculiar a véspera do São João [...]” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 106). Robert (1980, p. 106) narra que viu “[...] um outro cortejo [...], desta vez em homenagem a S. Pedro e S. Paulo. Chamaram-no Bumbá”. O autor refere-se ao início da segunda metade do século XIX e seu entendimento é de que se tratam de festas juninas e ele revela também em seus relatos a existência de uma festa de boi, citando inclusive seus personagens, como um tuxaua, um pajé feiticeiro, além de descrever uma “índia guerreira”, do ‘boi bravo’” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 108-109). Essa ilustração do viajante, provavelmente trata-se da presença de negros ‘brincando, de boi’. Outro viajante que também presenciou uma festa de santo, na segunda metade do século XIX, foi Henry Bates. Bates escreveu que: “De manhã, todas as senhoras e raparigas [...], vieram em procissão à igreja, [...] dando primeiro uma volta pela cidade [...] vinham adiante, três índias velhas carregando o sairé[...]”. Além da procissão, o autor cita uma festa só dos negros, por volta do mês de dezembro, em Serpa. Acerca disso ele narra que,

A noite generalizou-se por toda parte alegre algazarra. Os negros que têm um santo de sua côr, S. Benedito, faziam sua festa em separado, passando a noite inteira cantando e dançando com a música de um comprido tambor, o gambá, e do caracaxá [...] (BATES, 1944, p. 336).

Bates informa que na segunda metade do século XIX, os negros estavam festejando São Benedito em Serpa, atual município de Itacoatiara. Nesse município atualmente, conforme reportagem do *Jornal Acrítica* (LEAL, 2015), a Fundação Palmares reconhece, no ano de 2015, a comunidade quilombola do Sagrado Coração de Jesus, do Lago de Serpa, como de remanescentes de quilombos. A descrição de Bates corrobora a presença dos remanescentes quilombolas do Lago de Serpa - hoje num total quinhentas pessoas - já por volta do século XIX, realizando suas festividades religiosas. O autor ainda comenta sobre a realização de mais uma festa religiosa, após deixar Vila Nova (Am), ele narra que índios e mamelucos festejavam Nossa Senhora da Conceição. Esse viajante conta que após as rezas:

Todos se reuniram para cear, sentando-se em tórno de grande esteira, posta no terreiro em frente de casa. Terminado o repasto, começaram a beber, e logo depois tiveram início as danças [...] Serviu-se principalmente uma bebida fermentada, obtida pela distilação de bôlos de mandioca [...] Tudo se passou muito pacificamente, tendo-se em vista a quantidade de bebida alcoólica forte que bebiam, e o baile durou até à madrugada do dia seguinte (BATES, 1944, p. 327-328).

Atualmente, as festas de santo mais tradicionais no Amazonas mobilizam a população para participar dos arraiais e procissões. Uma das festas mais populares é a que acontece no município de Borba, a festa do Padroeiro do lugar, Santo Antônio, que segundo Mário Ypiranga Monteiro (1983) trata-se da “[...] maior festa de santo que se tem memória no estado, excetuando a de São João”. O autor afirma que “A festa de Santo Antônio é uma (longa) sobrevivência”. A tríade Santo Antônio, São João e São Pedro, é de origem portuguesa, conforme informa Wagley (1988). Esse autor explica que as festas:

Foram transplantadas de Portugal para o novo mundo onde, hoje, marcam o fim das chuvas [...] Todos os anos em maio e junho, quando, no Vale Amazônico, os rios voltam aos seus leitos e as chuvas diminuem, começa a estação seca; realizam-se então inúmeras festas. (WAGLEY, 1988, p. 194).

Em Parintins, região do Baixo Amazonas, a religião é voltada principalmente aos festejos de Nossa Senhora do Carmo, sendo que os devotos se movimentam durante os dias de arraial, que já fazem parte do calendário religioso do município. Uma afirmação do escritor Mário Ypiranga (1983, p. 78), chama a atenção, por dizer que Nossa Senhora do Carmo, foi “[...] antes cultuada pelos pretos, ali pelo primeiro quartel do século (15)”. Outro município que vem movimentando fiéis é Itapiranga com a festa de Nossa Senhora Rainha do Rosário da Paz, com celebrações que acontecem desde o início dos anos 1990, quando dois devotos tiveram a ‘visão’ da santa. De acordo com o site do Portal da Amazônia, Itapiranga “[...] é o destino religioso mais novo do Amazonas”.

Festas afrocatólicas em Manaus: a presença dos Terreiros

Com base na descrição anteriormente feita podemos então focar na capital do Amazonas. Uma característica religiosa bastante comum nos bairros e comunidades de Manaus é a devoção aos santos e a realização de suas festas, que são festas que propagam a união dos povos amazônicos. Segundo DaMatta (1986, p. 81), “[...] todas as festas [...] recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais”. Para Jurkevics (2005, p. 77), citado por Souza (2013),

Algumas das festas religiosas que atualmente movimentam milhões de devotos por todo país são heranças do que foi chamado de religiosidade colonial ou catolicismo popular, enquanto outras foram sendo incorporadas no calendário religioso, ao longo da história brasileira.

Nas festas de santos católicos, todos podem participar, pois estas são abertas à outras religiões, sendo esse um aspecto importante a ser ressaltado. Um exemplo disso é a presença do povo de terreiro nas festas de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião. Vê-se que o povo de terreiro também celebra os santos padroeiros e de acordo com a secretária da igreja da Matriz de Manaus, essa participação já dura dez anos. São vários os critérios que fazem de um santo o padroeiro de um lugar, sendo que o mais comum é dar àquele local o nome do protetor, que assim se torna o Santo Padroeiro. Para Wagley (1988, p. 55), “A devoção por um santo [...] é outra forma de vínculo que une os moradores de um determinado bairro [...] Todos os anos o dia do santo é comemorado na localidade e a organização da festa é uma tarefa importante para a irmandade”.

Na cidade de Manaus, algumas festas de santo, no bairro Centro, já desapareceram. Monteiro (1998, p. 559) comenta sobre esse desaparecimento afirmando que:

Eram as festas-de-santo [...] as do Divino e de Nossa Senhora do Carmo. Principalmente estas se serviam dos igarapés hoje aterrados: da Ribeira Imperial e do Espírito-Santo [...] As solenes festas de Nossa Senhora do Carmo e do Divino tinham início na antiga travessa do Cantagalo, mas possuíam a parte final no ‘mar’ (Rio Negro).

É certo que algumas festas desapareceram, porém outras resistem. Uma das mais antigas é a de São Benedito, conforme narra Monteiro (1983, p. 234), informando que “[...] na avenida Japurá [...] a senhora Maria de Lourdes Fonseca Martins e seu irmão Nestor do Nascimento Fonseca realizam a festa de São Benedito, herança de seus maiores que a iniciaram cerca de cento e oitenta (180) anos atrás”. O autor refere-se ao lugar que hoje conhecemos como o Quilombo do Barranco de São Benedito, no bairro da Praça XIV de janeiro, reconhecido como o segundo quilombo urbano do Brasil. Em 2019, segundo informações obtidas com membros do referido quilombo, realizou-se a centésima vigésima nona festa de São Benedito, ficando escurecido que a mesma teve início, em Manaus, por volta de 1890. Constata-se um desencontro entre os marcos temporais dessa festa, já que Monteiro aponta algo distinto da temporalidade nativa da festa de São Benedito. De acordo com Silva (2011), as festividades ao Santo no bairro Praça XIV são encerradas com a *festa do arranca-toco*. Nesse contexto, Silva destaca que “[...] o ‘tambor de crioula’ deu lugar ao ‘batuque’”. (SILVA, 2011, p. 176).

As primeiras manifestações de religiões afro em Manaus, segundo Monteiro (1983), tiveram início com a chegada dos maranhenses à cidade. O autor comenta ainda que essas manifestações também eram cultos a São Benedito. Monteiro (1983, p. 35) cita que:

É com a presença de maranhenses no Amazonas, em Manaus, localizados na região de Manaus denominada Costa d’África, que se obtém alguma prova a favor do culto a São Benedito e igualmente provas concretas das primeiras manifestações de candomblés que eram denominadas de batuques.

De acordo com Patrícia Sampaio, Costa D’África era um pequeno bairro de Manaus, localizado próximo ao Cemitério São José, este encerrado em 1901, segundo Dias (2019). Todavia, com toda essa religiosidade em Manaus, de acordo com Salgado (2009, p. 138), havia uma “[...] quase inexistência de terreiros de Umbanda ou candomblé”, porém ela cita que “[...] o terreiro da Mãe Joana, na subida de São Jorge, era famoso e suas festas esperadas” (p. 138). Contrastando com essa descrição da autora, o escritor Geraldo Pinheiro, na obra *A Casa das Minas*, de Nunes Pereira, comenta sobre a existência dos terreiros das “Mães Quintina, Maria Rita, Ifigênia e

Joana” (PEREIRA, 1979, p. 61-62). A proibição do uso do tambor em Manaus no século XX, conforme Mário Ypiranga Monteiro, é uma outra informação que reafirma a existência de terreiros na cidade. O autor escreve que:

Na década dos vinte a oligarquia dos Rego Monteiro proibiu drasticamente o uso dos tambores tanto nos batuques como nos Bois-bumbás. Para aqueles principalmente houve até arrasamento de terreiros (da conhecida mãe Joana, na Cachoeirinha) [...] (MONTEIRO, 1998, p. 553).

Mário Ypiranga Monteiro (1983) cita diversos terreiros, além do já citado, como o São Sebastião, de Mãe Joana Galante, no Bairro São Jorge, o Terreiro de São Benedito de Mãe Zulmira Gomes, no Morro da Liberdade, além da Tenda Nagô, de Mestre Zilmo da Silva Cordeiro, localizado na Rua Natal, bairro Cachoeirinha. Sobre os demais terreiros citados por Ypiranga não temos informação se estão em atividade ainda. O autor cita o Terreiro de Mãe Angélica, no Bairro Cachoeirinha, como um dos mais antigos de Manaus. Outro lugar que, segundo o autor, foi “assaz frequentado”, na rua Japurá, era a *Casa da tradicional Família Beckmann*, onde festas profano-religiosas da família ocorriam nos dias de São Jorge e conta que “[...] não há danças porque a casa de madeira é pequena” (MONTEIRO, 1983, p. 70).

Fortalecendo o discurso sobre a presença constante de terreiros na cidade de Manaus, Araújo (1974) cita que “As mandigas, os terreiros, os despachos, as vidências, os pagés, os feiticeiros, as cartomantes, as mesas de cura, o benzedor e a bola de cristal proliferam em Manaus [...]”. Araújo (1974) explica que “[...] o Terreiro ou macumba é também religião de origem negra, - que sincretizou com culto católico” e que “[...] o templo é o terreiro, que é uma espécie de barracão ou de salão, onde se faz a dança sagrada”. As danças sagradas, tratam-se de uma forma de cultuar as divindades e entidades que estão presentes na festa de terreiro. Colaboradoras desta pesquisa, Simone de Ogum (2019) e VB, cita alguns terreiros em funcionamento em Manaus³.

Araújo (1974) enfatiza que “[...] em Manaus, desde remotos tempos, houve inúmeros terreiros”. O autor elenca várias mães e pais de santo e comenta sobre a admiração do povo por essas pessoas: “É do conhecimento de pessoa antiga, a célebre

³ Terreiro do Seu Girassol de Mãe Socorro; Terreiro do Pai Tota - Conjunto Ajuricaba; Centro Espírita Pai Anastácio (falecido) - Atrás do Cemitério São João Batista; Casa da Dona Maria - Bairro da Glória (Próximo ao Estádio da Colina); Terreiro X³ - Praça XIV (Próximo a PRODAM- entrada por um beco); Centro de Umbanda de Ogum - Conjunto Ribeiro Júnior, Bairro Cidade Nova; Centro de Iemanjá/Casa de Pai João - Rua José Tadros, 303, Bairro Santo Antônio; Centro de Umbanda Rosa dos Ventos - Conjunto Ajuricaba; Centro espírita Nossa Senhora da Conceição - Bairro Zumbi.

Mãe Joana, do igarapé da Raiz [...] com enorme prestígio entre o povo”. Araújo (1974) também cita outros donos de terreiros, alguns já citados aqui, porém é relevante citar nomes que foram, segundo ele, personalidades de influência religiosa em Manaus: “Pedro Tartarugueiro, Mãe Rosária, Mãe Efigênia, Antônia Lobão, Mãe Angélica, Mãe Quintina, Mãe Maria Estrela, foram algumas personalidades que o povo estimou [...]” (ARAÚJO, 1974, p. 240-241).

Araújo fala ainda que “todos esses terreiros circundavam a cidade, pelos bairros pobres: Raiz, Cachoeirinha, Caminho de Marapatá, Praça 14, Seringal Miri, Adrianópolis”. Corroborando a fala desse autor, Alva Dir Assunção (apud OLIVEIRA, 2003), ao citar os principais festeiros da cidade destaca os “terreiros do Morro da Liberdade”, explicitando que existiram ou existem outros terreiros no bairro, além do terreiro de Mãe Zulmira. Segundo Araújo (2003), foi o caso de Guilhermina Monteiro de Lima, uma africana de Angola, de aproximadamente 80 anos, que falava com dificuldade o dialeto quimbundo, que o levou a deduzir a influência no linguajar amazônico das macumbas do Igarapé da Raiz. Guilhermina vivia, segundo o autor, “[...] numa tapera, além da Raiz, na Cachoeirinha. [...]”. De acordo com o autor depois de ‘muita luta’ ela falou dos ‘Candomblés’:

Falou [...] dos terreiros de *mãe Angélica* adiante da ponte da raiz; *mãe Joana* hoje *Quintina*, esteve nos fundos da Igreja de Santo Antônio no Pobre-Diabo, Cachoeirinha; *Mãe Maria Estrela*, no Seringal Mirim. Fala muito de *mãe Joana*, mulata escura, já morta, cujo terreiro funcionava nas matas da Cachoeirinha, igarapé da Raiz; *Pedro Tartarugueiro*, que era um preto, também já falecido, cujo terreiro fechou, para os lados da Raiz, na zona da *mãe Joana*. *Mãe Rosária*, também velha preta. Esse terreiro ela no lugar, “Crespo Castro”, quase em frente de Marapatá. *Mãe Efigênia*, outra preta, cujo terreiro tinha funções perto de Adrianópolis, para os lados da Praça 14. Antônia Lobão, outra preta muito conhecida. O terreiro dessa era para os lados do Seringal Mirim, rumo da cachoeira Grande (ARAÚJO, 2003, p. 86, grifo do autor).

Continuando a narrativa de Dona Guilhermina, ele conta que:

A casa matriz de candomblé de Manaus era o terreno de *Mãe Joana* à margem do igarapé da Cachoeirinha [...], tinha o apelido de *Mãe Joana* e possuía como filho-de-Santo Pedro Tartarugueiro, também falecido, o qual fundou um outro terreiro [...] A sucessora mais hábil de Mãe Joana, foi uma preta chamada Quintina de uns 40 e tantos anos (ARAÚJO, 2003, p. 87).

Souza (2009) reforça sobre presença de terreiros na cidade, citando, em sua dissertação, quatro terreiros, três destes, estão localizados na zona Leste de Manaus⁴: Além dessas informações, cabe comentar aqui sobre o Terreiro do Seringal Mirim, considerado um dos espaços de matriz africana mais antigos de Manaus, bem como as casas centenárias do Morro da Liberdade. Em entrevista para o *Jornal Acrítica*, em uma reportagem de Paulo André Nunes, o professor Almir Barros Carlos fala que “[...] no local era nítida a presença da cultura afro-brasileira, onde se comemorava os dias de Santo Antônio, São Benedito e São João, além da área de batuque, no Terreiro Santa Bárbara (existente até hoje) comandado por Maria Estrela e depois por Dona Joana Papagaio, e o Bumbá Mina de Ouro, em frente à Praça da Liberdade” (NUNES, 2017). Quanto a origem das Mães do terreiro do Seringal Mirim e das Casas Centenárias do Morro, Medeiros (2009), comenta:

Os terreiros mais antigos da cidade de Manaus, a exemplo das casas centenárias do Morro da Liberdade, foram fundados por volta de 1900, por [...] Joana Gama, iniciada na Casa de Nagô do Maranhão e [...] do Terreiro de Santa Bárbara, conhecido como Seringal Mirim, fundado em 1908, por Maria Rita Estrela da Silva, filha de uma escrava nascida e criada em São Luiz do Maranhão. Maria Estrela fora iniciada na capital do Maranhão, na Casa das Minas.

Gama *et al.* (2012) citam os Terreiros do Sibamba e de Maria Jacaúna, contribuindo com o debate sobre terreiros em Manaus. De acordo com o professor Alvatir da Silva, “Jacaúna é filha de Sibamba”. O professor conta que “Sibamba iniciou no bairro Cachoeirinha, mudou-se para o Coroado, depois Rio de Janeiro e Roraima, retornando à Manaus para o bairro São José”. O segundo, localiza-se no bairro Zumbi: este terreiro também foi citado no corpo do texto por VB. Os terreiros aqui relacionados, fazem parte da história da religiosidade da cidade de Manaus. As manifestações religiosas de terreiro (festas), bem como as da igreja católicas, são bastante aguardadas pela população. As procissões são o ápice das festas de Santo, uma união de pessoas e religiões cultuando o mesmo santo padroeiro. Para Araújo (1974, p. 231),

As procissões são ensejo de contatos sociais [...] Como manifestação popular, ela tem o espírito de comunicar alegria e muitos outros sentimentos ocultos. [...] as procissões de Corpus Christi, São Sebastião, N.S. da Conceição, - são também tradicionais em Manaus.

⁴ Casa de força de Oxaguian - Pai Giovano - Val Paraíso; Casa de Forças das Águas Doces Profundas/Pai Bosco de Oxum - São José III; Casa de Forças da Senhora das Águas Profundas / Pai Gilmar de Yemanjá - Jorge Teixeira; Terreiro do Seringal-Mirim - Pai Ribamar de Xangô - São Geraldo.

Em Manaus, segundo Oliveira (2003, p. 154), “[...] as festas religiosas em homenagem ao padroeiro do lugar, espalhavam-se por toda a cidade. Ao redor do espaço sagrado onde ocorria a novena, a missa e a procissão, estendia-se o espaço profano, com arraial, quermesses e festas dançantes”. Contudo, Araújo (1974) escreve que “[...] o novenário de São Raimundo, N.S. da Conceição, São Sebastião [...] dava um quê de alta vida social, de vida moral, artística e religiosa”. Percebe-se pela afirmação do autor que a participação nas manifestações religiosas em Manaus, sugere efeitos de status religioso aos participantes.

As festas religiosas nos bairros Centro, Educandos e Cachoeirinha

Os festejos religiosos na cidade de Manaus são práticas antigas e eram comuns entre os povos que chegavam para habitar a capital do Amazonas, como os escravos, os soldados da borracha e ainda os povos que por aqui, já se encontravam.

Uma das procissões consideradas mais antigas em Manaus seria a de Nossa Senhora da Conceição, porém são escassas as informações e registros referentes às primeiras festividades em homenagem à Padroeira do Amazonas. Mesmo assim, dados de uma reportagem do *Jornal Em tempo* (XAVIER, 2018), cita que os festejos da Padroeira, “[...] já ultrapassam trezentos e cinquenta anos, data-se da segunda metade do século XVII”; para o jornal, o pároco da Matriz afirma que “[...] a história de Nossa Senhora da Conceição com o Amazonas já dura 359 anos, isso foi com a chegada dos Carmelitas em Manaus”, o pároco continua e afirma que “A história da presença de Maria Nossa Senhora da Conceição está junto com a história da cidade. Foi fundada a cidade com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, e isso é muito bonito”. A festa da padroeira teria então dez anos mais que Manaus.

Segundo Villanova (2008, p. 149), em meados do século XIX, “os bailes, os masques, teatros e festas religiosas, ocorriam na pacata cidade de Manaus, nesse período, durante a década de 1870”. No período citado pela historiadora já existiam na cidade as igrejas católicas da Matriz, dos Remédios e de São Sebastião, localizadas no Centro. Villanova continua e cita que juntamente com o Éden, um antigo teatro na cidade de Manaus, havia “[...] bailes dançantes e carnavais, passeios nas praças, festas religiosas, como a de São Sebastião e São João, e novenas de São Pedro” (p. 202).

Os bairros Centro, Educandos e Cachoeirinha, formam uma tríade dos bairros mais antigos da cidade de Manaus. O Centro, conhecido também como Centro Antigo, surge praticamente junto com a cidade, sendo que sua história se confunde com a história da capital do Amazonas; ainda no século XIX ligava-se ao bairro da Cachoeirinha através de uma ponte de madeira, hoje a atual ponte Benjamim Constant,

que também serve a outros bairros da zona sul, como o Educandos. No Centro, as festas de Santos católicos mais conhecidas, são as procissões de São Sebastião e de Nossa Senhora da Conceição.

Educandos tem sua história de criação relacionada sobretudo à questão educacional: o nome faz alusão ao estabelecimento Educandos Artífices (MESQUITA, 2019), no entanto também é popularmente conhecido como Cidade Alta e Constantinópolis. A título de informações, “Gil do Educandos”, informou que existem entre dois a três terreiros no bairro, inclusive, segundo ele, o local onde atualmente funciona o Instituto de Cidadania e Desenvolvimento Social do Amazonas, por ele gerenciado, foi o primeiro terreiro dos Educandos. No terreno, situado à Rua Macurany, também já funcionou uma delegacia, naquele lugar que Gil já chamou de sagrado quando o mesmo abrigava o Terreiro do Pai Valderi, já falecido. Segundo alguns moradores, “seu único filho não deu continuidade ao seu trabalho”, no entanto, percebeu-se que os moradores ao serem questionados pelo terreiro do Pai Valderi, ainda lembravam dele, pois mantém na memória a figura desse Pai de Santo.

É também nos Educandos que encontramos a *Dança do Candomblé*, embora não seja o foco deste artigo, torna-se interessante citá-la, a título de informação, o que também nos permite destacar que este é mais um elemento que faz o bairro de Educandos, além de histórico, um lugar tradicional em referências afro culturais. Gil indicou como “lugares sagrados” no bairro o Terreiro Recanto de Preta Mina, de Pai Adalberto, que será abordado aqui, juntamente com a festa de São Pedro, organizada pela igreja católica do Bairro, por nome Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

No Bairro Cachoeirinha, a presença da igreja católica é bem maior que no bairro Educandos e as igrejas mais conhecidas são: Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora da Conceição e da Consolação, Santa Cecília e a Igreja de Santo Antônio, popularmente conhecida como a Capela do Pobre Diabo. Será enfatizada no texto a festa de Santo Antônio e as festas do Centro de Umbanda Pena Vermelha, localizado na Rua Ipixuna, de propriedade do casal Nazaré e Idemar, este, conhecido pelos frequentadores do local como vovozinho. O bairro tem histórico de tradições religiosas e segundo Mingos (2010) “[...] era comum cada residência, preparar suas festas, com as comidas típicas, principalmente no período junino”. A autora afirma ainda que nos dias dos santos acontecia “[...] a construção de fogueiras, as adivinhações e também as bandeirinhas, enfeitado as casas” (MINGOS, 2010, p. 65).

Festejos de São Sebastião

A Festa em honra à São Sebastião é organizada pela paróquia de São Sebastião e São Francisco Mártir; a igreja, fundada no final do século XIX é um dos pontos turísticos de Manaus e além de sua relevância histórica faz parte do complexo do Largo de São Sebastião. O arraial em honra ao padroeiro inicia-se por volta da segunda semana do mês de janeiro; além das realizações de novenas, são armadas barracas diversas no entorno da igreja, tornando o espaço pequeno para os dias de arraial, com a forte presença de público. O auge da festa, além das programações diárias, como bingos e outras atrações musicais, é a procissão do dia vinte de janeiro, seguida da missa campal, realizada no Largo, a cerimônia também é transmitida através de telões, instalados no Largo.

O escritor Mário Ypiranga Monteiro comenta que as festas em honra ao santo iniciaram no bairro Nossa Senhora Aparecida, por iniciativa do casal Chica e Teófilo. No entanto, o autor cita também que “[...] as festas começaram mesmo em 1918 [...], porém adquiriram maior esplendor nos anos seguintes [...]”, segundo o autor, o Santo “[...] é festejado [...] em todos os terreiros e seara de Manaus onde se assume como orixá”. Ypiranga conta ainda, que “[...] comemora-se o dia do santo mártir [...] principalmente no Retiro São Sebastião de Mãe Joana Galante, com as práticas religiosas de costume, muitos mastros votivos no terreiro [...]. O final da celebração é o arranca-toco, motivação para novas festas” (MONTEIRO, 1983, p. 229).

Frei Paulo, atual pároco da igreja de São Sebastião, ao nos conceder entrevista, contou que os festejos ao Santo, tiveram início ainda com a fundação da primeira capela, no final do século XIX, com a chegada dos nordestinos. Segundo o religioso, “[...] a devoção chegou aqui pelos nordestinos, a experiência dos soldados da borracha, [...] tinha as famílias que faziam a sua devoção no Nordeste e trouxeram pra cá também a mesma experiência de fazer a devoção e o santo”. O pároco diz, que São Sebastião era o santo dos pobres, dos que sofriam com a peste, então era o santo que dava um sentido para eles, pois esses fiéis iam para a igreja com o desejo de progresso, de sobreviver, de sair da seca e encontrar caminhos que pudessem ser caminhos de luz. O frei fala sobre o espaço da igreja e cita: “Aqui era periferia, [...] então eram os pobres que estavam aqui, trabalhando na construção civil, em trabalhos manuais, eram aqueles que vieram do Nordeste, então traziam junto com ele, a experiência de São Sebastião”. O frei comenta que

O santo padroeiro é o santo protetor, aquele que acompanhou desde criança, que foi introduzido na família, que viviam com seus avós, então essa lembrança

fica no referencial, por mais que tenha passado tanto tempo ou a festa tenha mudado de lugar, mas o santo é o mesmo (FREI PAULO, 2019).

Além disso, Frei Paulo comenta que os populares veem em São Sebastião uma imagem de Santo guerreiro, corajoso e detentor de forte fé e assim as pessoas se inspiram em sua história, o que o torna um referencial religioso e a realização de suas festas, é uma forma de estar em comunhão com outras pessoas. Segundo o pároco, é muito presente na vida dos devotos, uma religiosidade popular forte, que atinge a vida dos ribeirinhos, dos indígenas e da população em geral. Ao comentar sobre a participação popular nos festejos do santo, ele afirma que “[...] a religiosidade popular está entranhada na vida do povo”. O diálogo continua e Frei Paulo diz que “a procissão é do povo”, fala que pode ser ilustrada, pela participação de outras religiões nos festejos, segundo o Frei, há quase vinte anos, alguns terreiros da cidade de Manaus participam das cerimônias na igreja, sempre um dia antes da procissão; dessa forma, ele coloca na conversa, um discurso que visa principalmente a comunhão entre os povos, entre as religiões, aqui no caso, entre católicos e o povo de terreiro, dando assim, segundo ele, um passo para vencer a intolerância religiosa. O religioso prossegue comentando que:

São Sebastião, não ficou só na igreja católica, a linguagem das outras organizações religiosas, nos terreiros por exemplo, tem São Sebastião lá e eles fazem procissão, é como poder também inserir esse elemento dentro da dimensão da vida das pessoas, estão vivendo aquela experiência, aquele sinal, daquele santo, em outra dimensão do próprio referencial religioso, que não é a catolicidade; então vão para os terreiros, e eles enfrentam também outros elementos ali, acolhem aliás, outros elementos e que vão ser ajudadas por um poder não do mal mas um poder do bem. São Sebastião reúne todas as forças que possam convergir para construir o bem [...] (FREI PAULO, 2019).

Frei Paulo é enfático e cita que “[...] o terreiro não é o terreiro do mal, é o terreiro da festa, é o terreiro da alegria é o terreiro do encontro, é o santo que promove isso, então é salutar”. Segundo o Frei, a igreja não pode ficar indiferente a esse fenômeno, referindo-se às outras religiões, daí a importância, segundo ele, de acolher os vários terreiros da cidade, sendo essa acolhida uma dimensão da comunhão proposta pelo catolicismo, pois é fundamental a união entre os povos. O pároco vê nessa união promovida pela festa em honra ao santo padroeiro, oportunidades para respeitar e conhecer a fé de cada um. Ele cita que “[...] o mundo está muito intolerante com as várias religiões, vários credos, as várias situações que se enfrenta com relação a própria dimensão daquilo que é o transcendente, o sobrenatural na vida das pessoas”. Frei Paulo (2019) comenta mais sobre a acolhida aos povos de terreiro:

É uma forma da gente reconhecer que nós somos irmãos, que nós participamos da mesma caminhada, e talvez com relações e concepções diferentes, mas é o mesmo Deus que nos une [...] e que as diferenças religiosas podem nos ajudar a enfrentar aquilo que são realidades do próprio ser humano, isso nos ajuda a fundamentar sempre mais, esse caminho.

No ano de 2019, de acordo com o Frei, foi realizada a centésima trigésima procissão de São Sebastião. A festa daquele ano teve como tema “São Sebastião e o sínodo para a Amazônia” e o lema “Novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral”. Com teor ecológico, os festejos conectam-se com os povos da floresta, segundo o livreto dos festejos, pois “A igreja também aprendeu que, nesse território, habitado por mais de dez mil anos por uma grande diversidade de povos, suas culturas se construíram em harmonia com o meio ambiente”.

Festejos de São Pedro

A igreja do bairro Educandos, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, realiza anualmente, a Festa de São Pedro⁵, foi na metade do século XX que teve início a Procissão, comemorando no ano de 2019 a sua septuagésima edição, segundo o padre que conduzia a procissão fluvial, que teve o tema “Com São Pedro somos todos irmãos”, enfatizando também o cuidado com a natureza: “Cuidado com a vida, cuidado com o planeta”, fazendo alusão à preservação do meio ambiente.

De acordo com a história católica, São Pedro é protetor dos pescadores, o que fortalece a participação da Colônia dos Pescadores do bairro de Educandos, sendo a Colônia, um dos idealizadores desse evento, que enfatizou momentos de reflexão em tom de um discurso eco religioso, fortalecido com a presença de uma equipe da Secretaria de Meio Ambiente de Manaus (SEMMAS), distribuindo folhetos orientando que não fossem jogados lixos no Rio e ainda enfatizando o discurso do padre animador que também clamava aos devotos de São Pedro, e às embarcações que se juntavam à procissão: “vamos cuidar dos rios, vamos cuidar da Amazônia”!

Sobre o tema da procissão de 2019, “Com São Pedro somos todos irmãos”, abro um adendo para citar a presença de pessoas com vestimentas utilizadas em cerimônias de terreiros, como o uso da roupa branca e colares. São Pedro, nas festas de terreiros, é comemorado como o Orixá Xangô, como será abordado mais à frente. É como se não pudéssemos mais visualizar os festejos católicos em Manaus sem a presença do povo

⁵ Mário Ypiranga Monteiro, diz que “O culto ostensivo a São Pedro no Amazonas é mais recente na cidade do que no interior”. Entre as conversas os devotos na fila para a procissão, um devoto comentou que “É em Manaquiri, a maior festa de São Pedro”, ratificando a fala do escritor.

de terreiro. Nesse sentido, a troca entre católicos e afro-religiosos não se dá apenas no plano simbólico-religioso, como no sincretismo, mas também nas festas e manifestações religiosas a céu aberto. Isso indica um maior entrosamento desses dois segmentos mais do que poderíamos supor, tendo em vista o histórico de perseguição da igreja católica às religiões afro-brasileiras.

A concentração para a procissão, teve início pouco depois do meio dia, no terminal pesqueiro do bairro, com devotos de diferentes lugares de Manaus se arrumando em filas para adentrar à embarcação, que além de levar o andor do santo protetor dos pescadores, também contava com a presença do arcebispo metropolitano de Manaus, Dom Sérgio Castriani. A procissão partiu do Porto da Panair, popularmente conhecido, como 'Pané'. Na partida, as ladainhas (sequência de orações), são puxadas pelo padre que 'anima' a procissão e são continuadas pelos fiéis, que rezam ecoando em coro. Sobre as águas do Rio Negro, as orações não cessam e se misturam aos agradecimentos do padre aos colaboradores da festa de São Pedro. Bastante popular em Manaus, a procissão de São Pedro já recebeu inclusive a presença de um Papa. Foi nos anos 1980 quando João Paulo II esteve na cidade e também participou da procissão, fato lembrado pelo 'padre animador'. Vários barcos, tidos como atração à parte, participam do concurso *Barcos da Fé* é uma das mais aguardadas e compõe o brilho do evento religioso em pleno rio. Trata-se de uma competição entre os participantes, onde são premiadas as três embarcações mais criativas e bem ornamentadas no contexto da festa: os concorrentes capricham nos adornos, enfeites e claro, na animação dos fiéis e devotos do santo padroeiro. Vence a brincadeira o barco que mais se sobressai. Ao chegar à Ponte Rio Negro o cortejo fluvial retorna, passando pelo porto Chibatão e ancorando novamente no Porto da Pané. A partir de então a procissão segue por terra, nas ruas do bairro Educandos, para chegar à igreja.

Dona Maria do Socorro, de 72 anos, que participava da procissão fluvial, sentada em um banquinho e acompanhada de três netas, contou que é do Ceará e está em Manaus há mais de vinte anos. Ela é devota de São Pedro, mas segundo ela, "não pede graça não, somente amor e perseverança", dona Maria afirma que lembra das "fogueiras no terreiro e da reza do terço" em devoção ao Santo, ela comenta ainda que sente falta do passado que 'passava fogueira e da brincadeira de padrinho e madrinha'. A fala de dona Maria é referente às tradições das festas que envolvem a tríade Santo Antônio,

São João e São Pedro, quando eram realizadas inúmeras brincadeiras como pular fogueira para ‘virar parente’ e as adivinhações, práticas comuns nas festas juninas⁶.

Festejos de Santo Antônio

A festividade religiosa é realizada pela Capela de Santo Antônio que também conta com a colaboração dos comunitários e dos promesseiros, a igreja, popularmente chamada, é localizada no bairro Cachoeirinha e de acordo com a história, é uma idealização de Dona Cordalina Rosa de Viterbo (IGHA, 1985, p. 87). Sua construção data do final do século XIX e tem como nome oficial ‘Capela do Pobre Diabo’, atualmente é tombada como monumento histórico do estado do Amazonas.

Sobre as primeiras procissões, arraiais e quermesses existem poucos registros escritos, “são apenas memórias”, segundo o Seu Fernando, que está à frente dos cuidados da igreja, há aproximadamente trinta anos. Fernando conta que entrou na missão, após esse cargo ser de sua tia. Ele afirma que estão “mais ou menos há oitenta anos, por aí assim”.

Na ‘Serie Memória’, uma publicação de 14 de junho de 1909, do *Jornal Amazonas* temos que: “Terminou ontem a festividade de Santo Antônio na Capela do Pobre Diabo, na Cachoeirinha”. Em sequência o jornal elenca a presença dos governadores do estado e “grande número de famílias e cavalheiros”. Sendo, portanto, a publicação de 1909, subentende-se que a festa de Santo Antônio na Cachoeirinha é realizada há pelos menos cento e dez anos. A Capela abre suas portas em comemoração ao Santo todo dia treze de junho para a participação dos seus devotos. Uma das principais partes da festividade, além da missa e da procissão, é a benção e entrega dos pães, (ato simbólico que representa o pão de Santo Antônio), aos participantes.

Festejos – Casa de Dona Socorro (Terreiro)

O nome conhecido por quem frequenta o lugar é este: *Casa da Dona Socorro*. As pessoas que estão sempre por lá convivem com uma mulher que é mãe, avó, esposa e mãe de santo. Sua infância foi em colégio de freiras, onde era interna. Assim que atingiu a maioridade, Socorro decidiu que seguiria sua vida espiritual que leva até hoje. A mãe de santo começa seus trabalhos cedo na sua casa, e chega a entrar pela noite, se dividindo entre atendimentos e orações, quando recebe na casa crianças para rezar. O local é uma casa de Vila, localizada no Centro de Manaus, ali, Socorro realiza seus

⁶ Sobre essas tradições que dona Maria guarda na memória, Galvão (1976, p. 20), comenta: “[...] Na Amazônia, como também ocorre no Nordeste, além dos padrinhos de batismo, de crisma e de casamento, existem o padrinho e compadre de fogueira”.

trabalhos e atendimentos e também as festas em devoção aos Santos Orixás, pois a casa faz às vezes de terreiro.

Em alguns lugares onde se realizam festas de terreiro é comum usar os nomes de santos da religião católica para identificar os festejos, o que acontece na casa de mãe Socorro. As festividades anuais da casa são iniciadas com honras à São Sebastião, comemorando o orixá Oxóssi, as demais festas continuam para Ogum, Xangô, Cosme e Damião, Iansã e Oxum. Uma das festas “fortes” na Casa da Dona Socorro é para Ogum, dia de São Jorge, 23 de abril. Os participantes fazem um tipo de Roda na sala e a Mãe de Santo chega bem arrumada. Ela abre a festa com orações de origens católicas, como Pai-Nosso e a Prece de Cáritas, posteriormente são entoadas músicas que aludem às religiões afro, dessa forma, os rituais vão iniciando: começam as incorporações, algumas pessoas da Roda “passam mal” e são amparadas por quem está próximo; a mãe de santo cumprimenta todos da Roda e alguns recebem conselhos e/ou orientações para procurar atendimentos de sua ‘filha’.

Após a Roda, são servidas as comidas. O local é pequeno e todos ficam muito próximos. Na realização das festas de terreiro é comum que haja os banquetes de comidas, ou seja, mesa farta, e as cores das roupas, principalmente de pais e mães de santo, se relacionam de acordo com a cor do *Santo Orixá* festejado. Tamanha é a importância das comidas que os convidados não podem ir embora sem comer o ‘babujo’ e sem o encerramento oficial da festa. No entanto, alguns saem antes, como idosos, pessoas com crianças, porém boa parte dos presentes permanece até o final da festa. Ao final da mesma acontecem surpresas e revelações para o participante, que sorteado, pode receber boas palavras da mãe-de-santo. Um dos pedidos da mãe é que os convidados estejam no momento da cerimônia com boas vibrações.

Uma das festas mais aguardadas também é a de encerramento do ano, a mesma é realizada fora da casa; sendo esta iniciativa da própria mãe de santo. Nessa ocasião, ela orienta que os participantes se reúnam para a cerimônia, na Praia da Ponta Negra. O evento geralmente acontece nos últimos dias do ano, ao amanhecer, momento em que a praia está com poucos frequentadores, os convidados levam flores, outros enfeitam barquinhos para levar os pedidos e lembranças para ofertar às águas. Após a realização de orações, o ritual segue com o momento do banho dentro do Rio, alguns participantes, levam garrafas de Champanhe para banhar-se com o líquido, momento de fé e ainda, agradecimentos, bem como pedidos de boas energias para o ano vindouro.

Festejos – Recanto de Preta Mina – Ilê de Iansã

Localizado há mais de quatro décadas na rua Presidente Kenedy, no bairro de Educandos, o Terreiro de Pai Adalberto, encanta já na entrada: ainda do beco que dá acesso à casa vê-se uma placa com o nome Recanto de Preta Mina – Ilê de Iansã, com uma estrela azul dentro de um triângulo amarelo, desenhados junto ao nome do lugar. No local, há vários espaços que dona Laura (filha de santo de Pai Adalberto), gentilmente me explicou cada um, denominando-os de ‘assentamentos’. São espaços para Exu, Caboclos, Ogum e Omolu. Sobre este último, dona Laura comenta que “é o povo das palhas”, além de comentar sobre o assentamento da Preta Mina (a dona da casa). Há também espaço católico, onde estão expostas imagens de vários santos, além da imagem de Jesus Cristo, sendo as mais conhecidas a de São Sebastião, de Santana, de São Jorge, de São José e Cosme e Damião. Dona Laura e Pai Adalberto, em dias diferentes de visita ao terreiro, me explicaram que o ano inicia com a festa de São Sebastião, que é Oxóssi, todavia, Pai Adalberto comenta que já na primeira segunda feira do ano faz um ‘corte’ para Exu e explica: “Exu não é demônio, como as pessoas pensam”. Eles cortam para Exu pedindo prosperidade e Pai Adalberto deseja “que seja um ano próspero não só para mim, mas para os que batem na minha porta”. A comemoração seguinte é para São Lázaro, no mês de fevereiro e faz referência ao orixá Omolu, aquele que dona Laura citou como o povo das palhas. Pai Adalberto ressalta Omolu como “o deus da cura, das chagas”. Já no mês de março a festividade é para São José, então Adalberto com certa firmeza diz: “é um Xangô, fundador de minha casa, patrono de minha casa, São José Operário”.

No primeiro dia de visita ao local, dona Laura cita os nomes dos santos e suas festas, dando ênfase também às comidas servidas. Nos dias vinte e três de abril e treze de maio é servida a feijoada para Ogum e para os Pretos Velhos, respectivamente. Em outro momento, Pai Adalberto fala dos Orixás citando as festas e segundo ele o “mês de junho é todinho de Xangô, mas também de Exu”. Referindo-se à Santo Antônio ele prossegue a explicação, “São João e São Pedro, são Xangôs”! Pai Adalberto no momento seguinte já nos explica sobre Nanã Boruquê, que é festejada no mês de julho como Santana: “Santana chama-se Nanã, a vovó, a Oxum mais velha que a gente tem na religião, ela é respeitada[...]”.

Continuando a conversa, Pai Adalberto fala de Nossa Senhora da Glória, quando comemoram para Iemanjá, no dia quinze de agosto e finalmente, cita a festa de Preta Mina, festejada em 28 de agosto, que dá nome à casa. Segundo ele “sua casa fica pequena, são mais de trezentas pessoas”, sendo essa a festa principal do lugar, na qual participam pessoas da comunidade e de outros bairros da cidade. Pai Adalberto também

homenageia São Cosme e Damião em setembro, porém explicita: “[...] não faço para espíritos, mas para as crianças (matéria)”. Esse evento acontece numa pracinha próxima ao seu terreiro, no qual Pai Adalberto “[...] sustenta mais de seiscentas crianças”. Entre os meses de outubro e novembro ele ‘fica fora’, viaja. Assim, as festividades da casa, entram então em período de encerramento, ou seja, sempre na segunda semana do mês de dezembro, numa quarta-feira, a festa é dedicada para as *Iyabás* e alguém na mesma sala da nossa conversa comenta: “são todas as orixás mulher”. Pai Adalberto encerra suas festividades anuais no Terreiro com uma homenagem às mulheres. Foi na primeira visita que dona Laura respondeu à minha questão: “Aqui é de umbanda ou candomblé?”. Ela respondeu: “*Omolokô*”. Sem muita ciência do que se tratava, além de saber que é uma religião sincretizada no Brasil, deixei para pesquisar depois o que é o *Omolokô*.

Festejos – Centro de Umbanda Pena Vermelha

Localizado na avenida Ipixuna, no bairro Cachoeirinha, o lugar não possui identificação visual (placa). De acordo com Dona Nazaré, (que é esposa de Idemar e quem toma conta do terreiro, para que tudo funcione bem, nos atendimentos), a linha de trabalho é a Umbanda Branca, ela explica que “é a linha de cura”, com as entidades dos Pretos Velhos, e cita como trabalhos realizados, as rezas em crianças, os benzimentos, defumação e tratamentos de saúde. O atendimento na casa funciona às segundas e quintas-feiras, aberto ao público, porém condicionado à aquisição de senha, que pode ser adquirida por um valor acessível. Na primeira visita para a pesquisa, o local encontrava-se fechado e seu Idemar descansando, informação repassada por Dona Nazaré, braço direito do esposo, conhecido no bairro e pelos frequentadores por Vovozinho; seu Idemar, que é zelador do centro, em 2019 já estava com oitenta anos, todavia, já realiza esses ‘trabalhos’ há quase quarenta anos, sendo no bairro Cachoeirinha há mais de vinte anos.

Seu Idemar contou que veio para a cidade de Manaus ciente de seus dons, seus primeiros trabalhos na Umbanda foram no bairro São Francisco, na casa de dona Isaura, que recebia várias entidades, dentre elas, a *Cabocla Braba*. Após longa conversa, em julho de 2019, ele comentou que a próxima festa a ser realizada no local, é a de Cosme e Damião, que segundo ele, é uma “festa grande”. As festas do Terreiro Pena Vermelha são realizadas em sincronia com as festas do calendário católica, porém, dona Nazaré frisa: “Sem bebida alcoólica, apenas o aluá”. São realizadas as festividades para São Sebastião, São Jorge, Pretos Velhos, Cosme e Damião e Santa Bárbara. O casal abre a casa também para as festas de final de ano, encerrando assim, o calendário festivo do terreiro. As comidas para as festas, segundo Dona Nazaré, são de acordo com o santo, podendo ser farofa, mungunzá, vatapá, caruru, bolo e feijoada. Ela é bem mais específica

quando se trata do dia vinte e sete de setembro, quando celebram Cosme e Damião, que além das balas (bombons), serve arroz doce e mungunzá e ainda cita a festa de São Sebastião onde as ‘frutas da mata regional’ são consumidas pelos participantes presentes. Nazaré continua citando as festas e diz, que: em setembro é a de Santa Bárbara, na qual se oferece o Caruru. Quanto à participação popular ela comenta que “é muita gente”, aproximadamente cem pessoas.

Sobre a festa de Santa Bárbara, o escritor Jorge Amado, no livro *Bahia de todos os santos* (s./d.), comenta que as comidas das festas de terreiro, em honra de São Cosme e São Damião, são “especialmente, efó, o vatapá e o caruru”. O escritor, no entanto, deixa uma lacuna sobre as comidas oferecidas à Santa Bárbara, que segundo ele é a “Iansã dos negros”. O autor cita apenas que para essa Festividade, “a comida é farta”. Ainda relacionado aos banquetes e para ‘reforçar’ a fala de Dona Nazaré, Silva (2011), destaca “[...] a relevância da cultura negra, tanto na identificação com o santo cultuado, como nos diferentes tipos de comidas (angu, caruru, vatapá, mungunzá) e bebidas (aluá)”. Estas comidas, segundo Silva (2011), são “todas de origem negra”.

Considerações finais

Dada a representatividade das festividades religiosas, bem como a importância histórico-cultural que as mesmas têm para os moradores de Manaus, enfatizo o sentimento de realização das comunidades pesquisadas a cada evento religioso. Através da realização dessas festas as comunidades, católicas e de terreiro, contam as suas histórias de vida, suas trajetórias, suas particularidades, relacionando-as com graças alcançadas, com a realização de promessas e contam também a história dos bairros, dos santos, dos orixás, sendo que tudo isso simboliza a cultura e identidade locais. Verificou-se nos terreiros, bem como nas festas de santo, a existência de elementos comuns, como as rezas, as devoções, a fé, o culto aos santos orixás, os saberes, as expressões e o valor do sagrado.

Manaus é uma cidade permeada de elementos simbólicos e religiosos e preservar as manifestações culturais e religiosas dos terreiros e das igrejas que cultuam os santos, os orixás, os caboclos, e tantos outros é necessário, uma vez que com o tempo essas práticas, lugares e memórias podem ser esquecidas. Essas festividades religiosas movimentam as comunidades e dão forma à identidade cultural local e assim se faz necessária a preservação dos lugares sagrados nos diversos bairros da cidade. Aponto aqui a relevância dessas expressões religiosas, uma vez que as festas mantêm vivas as memórias e o sentido da comunhão entre as pessoas, de religiões distintas inclusive.

Uma pesquisa sobre as *Festas de Santo e Festas de Terreiro* é um campo vasto, mas, para além de atentar para a magnitude dessas festas e sua importância social, é preciso frisar a necessidade de políticas públicas de salvaguarda para a manutenção destas, visando a preservação cultural das mesmas e a manutenção dos lugares e do patrimônio simbólico que os eventos religiosos representam. Enfatizo também a resistência das festas de Santo, duas centenárias (São Sebastião e Santo Antônio), reconhecidas também nos terreiros; essas festas, bem como outras, se misturam à história de desenvolvimento cultural da cidade. Nesse sentido, a proteção, divulgação e apoio às festividades podem ser determinantes no crescimento sociocultural local.

Referências

- AMADO, J. **Bahia de todos os santos**. Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. Editora Martins, SP: (s/d).
- AMAZONAS. Série Memória. **Comissão permanente de defesa do patrimônio histórico e artístico do estado do Amazonas**. Capela do Pobre Diabo. Texto de Mário Ypiranga. 2. ed. Manaus: Imprensa Oficial, 1980.
- ARAÚJO, A. V. **Sociologia de Manaus** – Aspectos de sua aculturação. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974. [Coleção Pindorama].
- ARAÚJO, A. V. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. 2. ed., Manaus: Editora Valer, 2003. [Organizadores Tenório Telles e Lúcia Puga].
- ARQUIDIOCESE DE MANAUS. **Paróquias e áreas missionárias**. Disponível em: <<https://arquiocesedemanaus.org.br/paroquias/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- AVÉ-LALLEMANT, R. **No Rio Amazonas, (1859)**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- BATES, H. W. **O naturalista no rio Amazonas**. v. 1. Tradução de Candido de Mello-Leitão. São Paulo; Rio de Janeiro; Bahia; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1944;
- DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.
- DIAS, E. M. **A Ilusão do Fausto**. Manaus 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 2019.
- FERRETTI, S. F. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: EDUSP; São Luís: FAPEMA, 1995.
- GALVÃO, E. **Santos e Visagens**. Editora Nacional, RJ, 1976;
- GAMA, et al. Tangendo o intangível: Reflexões sobre o patrimônio cultural no âmbito de uma instituição pública de Manaus. In: BRAGA, S. I. G. (Org.). **Culturas populares em meio Urbano**. Manaus: Edua, 2012.

IFAM. Instituto Federal do Amazonas. **Manual de TCC/Sistema integrado de bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas**. Manaus: IFAM, 2018. [Organizado por Karina Batista de Sales *et al.*].

IGHA. **Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas**. Manaus – Memória Fotográfica. Manaus: SUFRAMA, 1985.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Terreiro Casa Branca do Engenho Velho – Salvador (BA). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1636/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem Patrimônio Cultural Brasileiro, cria o programa nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

LEAL, V. Amazônia. Descendentes de escravos no Amazonas conseguem título de remanescentes de quilombo. **Jornal Acrítica**, Manaus, 15 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/governo/news/descendentes-de-escravos-no-amazonas-conseguem-titulo-de-remanescentes-de-quilombo>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

MEDEIROS, R. Terreiros de Manaus: Resistência e Interpretação. **Núcleo de Cultura Política do Amazonas**, 12 maio 2009. Disponível em: <<http://www.ncpam.com.br/2009/05/terreiros-de-manaus-resistencia-e.html>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

MESQUITA, O. **Manaus** – História e Arquitetura 1669-1915. 4. ed. Manaus: Editora Valer, 2019.

MINGOS, C. N. C. **Cachoeirinha sob um novo olhar**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010. [Coleção prêmio dos bairros].

MONTEIRO, M. Y. **Cultos de Santos & Festas profano-religiosas**. Manaus: Imprensa oficial, 1983.

MONTEIRO, M. Y. **História da Cultura Amazonense**. v. 2. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1998.

NUNES, P. A. História de Manaus. Conheça locais históricos que mudaram de nome em Manaus com o passar dos anos. **Jornal Acrítica**, Manaus, 27 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/conheca-locais-historicos-que-mudaram-de-nome-em-manaus-com-o-passar-dos-anos>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

OLIVEIRA, J. A. de. **Manaus de 1920-1967**. A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Editora Valer, 2003.

PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO E SÃO FRANCISCO DE ASSIS. **Livro para o novenário e procissão**. Festejos De São Sebastião. Manaus, 11 a 20 de janeiro, 2019.

PEREIRA, N. **A casa das minas**. Culto dos Voduns Jeje no Maranhão. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979.

PORTAL AMAZÔNIA. **Turismo religioso**: romarias, procissões e bons negócios no Amazonas. 24 jan. 2016. Disponível em: <<http://portalamazonia.com/cultura/turismo-religioso-romarias-procissoes-e-bons-negocios-no-amazonas>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

REIS, A. C. F. **A conquista espiritual da Amazônia**. 2. ed. Manaus, 1997.

REIS, A. C. F. **História do Amazonas**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Superintendência cultural do Amazonas, Manaus, 1998.

SALGADO, R. C. **Manaus, 1965 da floresta e das águas**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, 2009.

SAMPAIO, P. M. **O Fim do Silêncio** – Presença negra na Amazônia. Belém: Ed. Açai, 2011.

SILVA, J. S. A festa de São Benedito no bairro da Praça 14. In: SAMPAIO, Patrícia Melo (Org.). **O Fim do Silêncio** – Presença negra na Amazônia. Belém: Ed. Açai, 2011. p. 173-190.

SOUZA, G. A. A. de. Ajeun Odara. **Um estudo acerca das comidas dos orixás em Manaus**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

SOUZA, R. L. de. **Festas, procissões, romarias, milagres** – aspectos do catolicismo popular. Natal: Editora IFRN, 2013.

TOGNON, M. Patrimônio, entre o presente e o passado. In: PARK, Margareth, Brandini (Org.). **Formação de educadores**. Memória, patrimônio e meio ambiente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

VILLANOVA, S. **Sociabilidade e cultura**: A história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus (1859-1900). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3747>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

XAVIER, J. **Padroeira** – As Conceições do Amazonas: a cada promessa, uma história de vida. *Jornal Em Tempo*, Manaus, 2018. Disponível em: <<https://d.emtempo.com.br/amazonas-cidades/130675/as-conceicoes-do-amazonas-a-cada-promessa-uma-historia-de-vida>>. Acesso em 20 ago. 2019.

WAGLEY, C. **Uma Comunidade Amazônica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.